



FACULDADE DE LETRAS E CIENCIAS SOCIAIS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

Licenciatura em História

Ângela Ilídio Djive

**GUERRA CIVIL EM MOÇAMBIQUE: UM OLHAR ENTRE AS ZONAS  
RURAS NO SUL DE MOÇAMBIQUE, COM O CASO DE  
MARRACUENE, ENTRE 1977 A 1992.**

Maputo, Julho 2024

Ângela Ilídio Djive

**GUERRA CIVIL EM MOÇAMBIQUE: UM OLHAR ENTRE AS ZONAS  
RURAS NO SUL DE MOÇAMBIQUE, COM O CASO DE  
MARRACUENE, ENTRE 1977 A 1992**

Trabalho apresentado em cumprimento dos requisitos exigidos para a obtenção do grau de Licenciatura em História pela Universidade Eduardo Mondlane

Juri:

Professor Doutor Paulo Lopes José

---

Mestre José Cláudio Mandlate

---

Maputo, Julho de 2024

***Epigrafe***

*Existe um mundo de diferença entre a verdade e os factos. Os factos podem  
obscurecer a verdade.*

*Maya Angelou*

## **Declaração de Honra**

Eu, Ângela Ilídio Djive, declaro por minha honra que esta monografia não foi apresentada, parcial ou integralmente, em nenhuma instituição para a obtenção de qualquer grau acadêmico e que constitui resultado de investigação pessoal estando indicadas no texto e nas referências bibliográficas usadas.

Ângela Ilídio Djive

## ***Dedicatória***

*Dedico este trabalho de licenciatura a Kendra Faty Manuel Jamal, que é a minha fonte de esperança, paz e resiliência.*

## **Agradecimentos**

A Deus, fonte de toda bondade e misericórdia, por guiar meus passos e sustentar a minha trajetória nesta jornada de vida. Sua graça e sabedoria são luz que iluminam o meu caminho, permitindo-me superar desafios e alcançar esta conquista de culminação dos estudos.

Aos meus pais Ilídio Djive e Rosa Mata, por serem os meus guias desde o início da jornada acadêmica. Pai, obrigada por seres a fonte financeira para o meu sustento acadêmico até aqui. Muita gratidão a Mamacita por me ensinar desde sempre que somente eu posso ser a protagonista da minha história e que devo correr atrás dos meus sonhos com muita garra.

A minha filha, a Kendra Jamal, por me devolver vida e intencionalidade, mesmo que a academia te tenha privado em algum momento do meu carinho maternal a tempo inteiro.

Aos meus irmãos, Venceslau e Ilídio Djive, pelo companheirismo constante e por sempre acreditarem em mim e nos meus sonhos, não sei o que seria de mim sem os vossos conselhos de vida. Ao Júnior especialmente por me ajudar a cuidar da pequena Kendra todas as vezes que eu precisei me ausentar por motivos acadêmicos.

A minha Cunhada Tiffany Daniel Djive por estar comigo em todos os momentos desta licenciatura, servindo de força emocional para que eu nunca desista.

A Minha amiga e mentora Jéssica Cristina, por todo companheirismo, inspiração e treinamento sobre as outras possibilidades me servindo de base para não desistir em momentos extremamente difíceis desta jornada e me ensinando a viver um dia de cada vez. Amiga, vai a minha gratidão.

Ao departamento de História na imagem dos meus docentes, cuja orientação e conhecimento foram fundamentais para o desenvolvimento da Licenciatura. Um agradecimento em especial ao professor Doutor Paulo Lopes, pela dedicação, paciência e orientação precisa ao longo deste processo de escrita do trabalho científico.

A Professora Doutora Denise Malauene por me ensinar a usar todas outras possibilidades que a História pode oferecer, em repetição da palavra: "Desconstruir para construir".

Aos meus amigos, família e todos que participaram deste processo, directa ou indirectamente vai a minha gratidão.

E por fim aos meus colegas e companheiros de jornada académica, Eurica Cumbe, Adérito Nhamuave, José Handela, José Massingue, Cliton Aminosse, Idelvilton Mapulaciane e em especial a Julieta Naputo por me ser além de companheira diária na academia, mas por ser também um sustento emocional e um ombro de amizade.

E a todos os entrevistados que me dispensaram seu tempo durante a minha pesquisa de campo.

## **Lista de Abreviaturas**

**RENAMO** – Resistencia Nacional de Moçambique

**MNR**- Military National Resistance (Resistência Nacional Militar)

**FRELIMO**- Frente de Libertação de Moçambique

**AGP**- Acordos Geral da Paz

**CEA**- Centro de Estudos Africanos

**RSA**- República Sul Africana / República da África do Sul

## **Resumo**

Este trabalho investiga o contexto da guerra civil em Moçambique, especialmente no corredor da região sul do país em Maputo, focando no distrito de Marracuene. O objectivo é explorar as causas da guerra e seu impacto social. A guerra civil em Moçambique começou logo após a independência em 1976/77 e terminou em 1992 com os Acordos Gerais de Paz em Roma. As origens da guerra são debatidas, com algumas correntes enfatizando factores externos, como apoio sul-africano, enquanto outros destacam as dinâmicas internas do país. A RENAMO, grupo insurgente, desempenhou um papel central no conflito, aproveitando políticas impopulares do governo e desenvolvendo capacidades militares próprias. A guerra teve um impacto devastador na população, causando perdas humanas, traumas mentais e violações generalizadas, especialmente contra mulheres e crianças.

O estudo se concentra em Marracuene, descrevendo sua localização geográfica, economia baseada na agricultura e características demográficas. A metodologia incluiu pesquisa documental e entrevistas semiestruturadas devido à escassez de dados sobre Marracuene. A revisão da literatura abordou as causas da guerra, incluindo factores económicos, políticos e antropológicos. A guerra civil foi caracterizada por várias fases, com a RENAMO ganhando poder e território ao longo do tempo.

Esta guerra, que dizimou inúmeras pessoas, seguiu actuando de formas diversas em cada distrito da província e cidade de Maputo, em que trazia características únicas e diferentes em cada região, e o seu impacto especialmente em Marracuene, foi profundo, afectando a mobilidade social e causando desafios para a comunidade local. A guerra levou ao deslocamento de pessoas, mudanças nas estruturas sociais e violações generalizadas dos direitos humanos. Mulheres e crianças foram particularmente afectadas, sofrendo abusos e violações em todo deste distrito. A guerra também teve um impacto económico significativo, prejudicando a infraestrutura e a produção agrícola.

Em resumo, a guerra civil em Moçambique deixou cicatrizes profundas na sociedade, afectando milhões de pessoas e exigindo esforços de reconstrução e reconciliação de longo prazo.

Palavras-chave: guerra-civil, conflito, impacto social.

## Índice

<i>Epigrafe</i> .....	ii
Declaração de Honra.....	iii
<i>Dedicatória</i> .....	iv
Agradecimentos .....	v
Lista de Abreviaturas .....	vii
Resumo .....	viii
.....	2
1.1. Objectivo Geral .....	4
1.2. Objectivos específicos.....	4
1.3. Descrição do local de estudo.....	4
1.4. Problemática.....	7
1.5. Conceptualização .....	8
1.6. Metodologia .....	9
1.7. Revisão da Literatura .....	10
1.8. Fases da Guerra .....	13
1ª Fase: 1982-1983.....	13
2ª Fase: 1983-1985.....	13
3ª Fase: 1986-1988.....	13
1.9. Historial de Marracuene .....	14
CAPITULO II: Origens da Guerra civil em Moçambique .....	15
2.1. Razões económicas, ligadas a participação de dependência económica estrangeira .....	16
2.2. Razões antropológicas e políticas.....	18
CAPÍTULO III: O Conflito armado na região sul do país.....	20

3.1. Extensão do conflito no corredor sul do país – Maputo.....	20
CAPITULO IV: A Guerra cívil e os efeitos em Marracuene .....	23
4.1. Desafios vividos pela comunidade rural de Marracuene .....	23
4.2. Efeitos da mobilidade social em Marracuene .....	26
4.3. Efeitos Económicos.....	28
4.4. Efeitos na costa marítima .....	29
4.5. Efeitos gerais da transitabilidade .....	30
CAPITULO V: Considerações finais.....	31
Referências Bibliográficas .....	33
Anexos .....	37

## **CAPITULO I**

### **1. Introdução**

Este trabalho, está voltado ao contexto de guerra civil em Moçambique, concretamente na região sul do país, dentro da província de Maputo, especialmente no distrito de Marracuene. Neste trabalho, pretende-se interrogar sobre a ocorrência de guerra e o seu impacto social.

A Guerra civil em Moçambique, tem o seu início logo após a independência, nos anos de 1976/77 e teve o seu fim no ano de 1992, com a assinatura dos acordos geral da Paz em Roma, a 4 de Outubro de 1992. Muito se discute sobre a nomeação desta guerra, pelas suas verdadeiras origens, devido ao conflito armado que se teve neste período, pelo que Shikhani (2006), na sua tese de licenciatura, descreve que as correntes de causa, são de desestabilização e correntes internas.

Para a corrente de desestabilização, privilegia os factores externos e é apologista da explicação com base na desestabilização. É defendida por autores como Bragança e Anómea, que faziam parte do Centro de Estudos Africanos da Universidade Eduardo Mondlane. Este autor, afirma que Minter e outros, consideram que a guerra teve origem externa, com o apoio sul africano e os regimes de Maioria em Moçambique e Angola, subordinados a clivagens da guerra fria (Shikani, 2006).

Para (Darch 2018:6) a história de conflito armado e instabilidade violenta em Moçambique remonta a um passado distante e faz parte da herança do colonialismo. Durante a maior parte do período colonial, de um modo geral, Portugal não teve força suficiente para impor qualquer tipo de poder unitário e organizado sobre todo o território do que viria a ser Moçambique.

O termo “guerra civil” é amplamente usado no discurso académico e popular para descrever o conflito armado dos dezesseis anos, entre o governo de Moçambique e a RENAMO. Na altura, porém, a caracterização do conflito foi uma questão controversa, quanto mais não fosse como resultado da recusa de ambos os lados em conceder a mínima legitimidade ao oponente (Darch 2018:14a).

Este conflito expôs as características chave da guerra civil, que foi disputado entre dois grupos organizados, principalmente dentro do território nacional de Moçambique, movida primeiramente

pelos desígnios dos governos minoritários da Rodésia e da África do Sul para desestabilizar Moçambique, para uma guerra em que a RENAMO desenvolveu gradualmente a capacidade de tirar partido das políticas impopulares do Governo (e.g. o programa das aldeias comunais) e manter uma ação militar mais ou menos por conta própria (Darch 2018:14b)

Esta guerra, enquanto um conflito armado, foi um tanto catastrófica, na medida em que foram verificadas muitas perdas humanas, e danos na sanidade mental das vítimas de guerra, em civis, crianças, idosos e mulheres, abuso, tráfico e violações femininas pela fraca capacidade de resistência das mulheres neste período.

### **1.1.Objectivo Geral**

- Compreender os diferentes processos ligados a guerra civil em Moçambique e o seu impacto para Marracuene;

### **1.2. Objetivos específicos**

- Descrever as origens da Guerra civil em Moçambique;
- Compreender a Extensão do conflito no corredor sul do país – Maputo;
- Analisar os desafios vividos pela comunidade local de Marracuene e o impacto da mobilidade social.

### **1.3. Descrição do local de estudo**

De acordo com o Perfil do Governo (ed.2005a), Marracuene, é situado na parte oriental da Província de Maputo, está localizado 30 Km a norte da cidade de Maputo, entre a latitude de 25º 41'20" Sul e longitude de 32º 40'30" Este. É limitado a norte pelo distrito da Manhiça, a Sul pela Cidade de Maputo, a Oeste pelo distrito da Muamba e cidade da Matola, e a Este é banhado pelo Oceano Índico. O distrito de Marracuene é atravessado pela Estrada Nacional nº 1 que faculta a comunicação com a cidade de Maputo a Sul e o distrito da Manhiça a Norte.

Marracuene possui uma estação de caminho-de-ferro servida pelos comboios de carga e de passageiros em trânsito na linha-férrea de Maputo-Marracuene-Manhiça (Linha do Limpopo).

Localmente, o transporte fluvial liga a sede do distrito com a Macaneta. Propriedade da administração do distrito, esta actividade constitui uma das principais fontes de receita pública local (Perfil do Governo, ed.2005b).

Tem como base a agricultura na sua economia distrital, tendo como principais culturas as hortícolas, arroz, milho, mandioca, batata-doce e bananas. As espécies de gado predominantes são os bovinos, caprinos, suínos e aves, destinadas para o consumo familiar e comercialização. O Rio Incomati é o principal recurso hídrico, favorecendo a prática da actividade pesqueira e agropecuária. A pequena indústria local (pesca, carpintaria e artesanato) surge como alternativa imediata à actividade agrícola, ou prolongamento da sua actividade. É conduzido pelo comércio informal, feito na sua maioria por mulheres das zonas urbanas e semi-urbanas do distrito (Perfil do Governo, ed.2005c).

A sua população originária de Marracuene é considerada Varhonga, sendo os Honwana e os Mahlangwana tidos como primeiros clãs da região. E o seu dialecto Varhonga é falado pela maioria da população, com pequenas variações nas zonas limítrofes com a Manhiça, onde se fala Xikalanga, um dialeto Ronga (Perfil do Governo, ed.2005d).

Marracuene, tem várias versões de origem etmológica, seguida de tradições orais, a saber:

1. A primeira defende que existia um transportador que possuía barcos para a travessia do Inkomati e por vezes levava o peixe a Mugorrodwene<sup>1</sup>. Diz-se que este senhor, tinha umas nádegas enormes, e dizia-se que as pessoas iam a Murrakweni, ou "Ka Tatana wa Murrhawa<sup>2</sup>".
2. A segunda refere da região da vila de Marracuene antes da povoação, em que as pessoas das ilhas locais, depois da travessia do rio Inkomati, passavam descalços por uma duna de areias brancas nesta região, e este movimento emitia sons como: "Rwa, Rwa, Rwa". E era

---

<sup>1</sup> Antiga zona de comercio na região de Marracuene

<sup>2</sup> Senhor de nádegas

comum entre as pessoas dizer-se: "Hi ya ka lava va ku Rwa<sup>3</sup>", que em português significa, "Vamos a aqueles que Rwa".

Embora existam versões como estas acima descritas, esta região era chamada de "Ka Gaule<sup>4</sup>", parte do regulado de Nhonganhane, onde se considera o embrião e centro deste distrito.

Atualmente, Marracuene é dividido por dois postos administrativos, nomeadamente, Machubo e Marracuene-sede, com cinco localidades nomeadamente: Marracuene-sede, Michafutene, Nhongomhame, Taula e Macandaza. (Perfil do Governo, ed.2005e)



*i: Distritos da província de Maputo, destacando o distrito de Marracuene*



*ii: Distritos da província de Maputo, destacando o distrito de Marracuene*

<sup>3</sup> Língua local Rhonga

<sup>4</sup> Pai do Rei Rhwaki

#### **1.4. Problemática**

Estudar a História de Moçambique, é primeiro resgatar a história e vivências locais, de modo a redesenhar amplas abordagens da história Moçambicana. Taju (1988) aborda a guerra civil através das experiências pessoais e coletivas dos habitantes de Moçambique, concentrando-se nas memórias, traumas e na reconstrução da identidade nacional em um contexto de violência e desestabilização. Sua narrativa rica em detalhes pessoais fornece uma visão íntima das consequências humanas do conflito, destacando as vozes dos marginalizados, como mulheres e crianças.

Vines (1991 e 1996) no livro "Renamo Terrorism in Mozambique" suscita diversas questões críticas e problemáticas que merecem reflexão profunda. Uma delas é a complexidade das dinâmicas internas e externas que influenciaram o conflito moçambicano, incluindo o papel ambíguo de actores externos como a África do Sul e os Estados Unidos. A análise de Vines levanta questões sobre como intervenções externas podem tanto prolongar quanto potencialmente resolver conflitos internos, e como essas intervenções são muitas vezes motivadas por interesses geopolíticos que nem sempre coincidem com os interesses locais de paz e estabilidade. Além disso, o foco no terrorismo da RENAMO levanta debates sobre as definições de terrorismo em contextos de guerra civil e como essas definições podem moldar percepções e respostas internacionais ao conflito. Outro ponto crítico é o legado da guerra civil moçambicana e como as divisões étnicas, políticas e sociais perpetuam desafios persistentes de reconciliação e desenvolvimento pós-conflito em Moçambique. Portanto, enquanto Vines oferece uma análise detalhada e informativa, seu trabalho também provoca questionamentos importantes sobre a natureza dos conflitos armados, intervenções externas e os caminhos para a paz duradoura em sociedades dilaceradas pela guerra.

Após o conflito armado, foi vivenciado um período de silêncio pelo que aconteceu durante a guerra. muito pouco se tem escrito sobre os processos locais em contexto guerra. Como foram os diferentes processos ligados a guerra civil em Moçambique, e como estas causas afetaram a região distrito de Marracuene?

## **1.5. Conceptualização**

### **Guerra**

As guerras são desacordos profundos entre dois ou mais grupos e envolvem uma disputa da autoridade legal sobre um bem ou um território e vários métodos e instrumentos para comunicar e resolver esta diferença. (Bruck 1988)

### **Guerra Civil**

De acordo com Coelho (1994), a guerra civil resultaria da decisão de uma determinada parte da sociedade em rebelar-se contra o Estado do país, numa lógica dicotómica de procura de algum ganho material ou político, ou de manifestação de um ressentimento (a célebre formulação collieriana do ‘greed or grievance’ – ganância ou ressentimento), sendo claramente motivada mais pelo primeiro do que pelo segundo, e ficando assim garantida uma racionalidade económica da explicação (Collier & Hoeffler 2000).

O termo “guerra civil” é amplamente usado no discurso académico e popular para descrever o conflito armado dos dezasseis anos, entre o governo de Moçambique e a RENAMO. (Darch 1994)

### **Mobilidade social**

De acordo com Oliveira (2010) Mobilidade social designa o movimento dos indivíduos ou das unidades familiares no interior do sistema de categorias socioprofissionais ou do sistema de classes sociais. A mobilidade social é condição indispensável à estrutura social no capitalismo, pois é justamente a partir da possibilidade de os indivíduos ou grupos de indivíduos se ascenderem nas categorias socioprofissionais que está a legitimidade dos princípios afirmados na revolução burguesa: liberdade, igualdade e fraternidade. A mobilidade social pode ser entendida como um movimento dentro da estrutura social, podendo apresentar-se de duas maneiras: como movimentos interclasse e entre classes.

## **Nomadismo**

Para Souza e Freitas (S/A) Nomadismo é um movimento, um devir que afeta os sedentários, assim como a sedentarização é uma parada que fixa os nômades.” Talvez uma das maiores formas de sedentarização do nômade, que o torna um tipo de migrante, seja a demarcação de um lugar de origem e destino, uma terra natal, pela visão clássica do sujeito que exploramos no primeiro movimento desse texto. É assim que Ulisses dialoga com nossos tempos: mesmo após vinte anos no mar, a casa como promessa de retorno permanece à espera, na figura da Penélope, esposa paciente e fiel, como a terra de origem e fundante de nossa identidade. Esse lugar de origem ainda possui uma função distintiva no perfilamento dos sujeitos refugiados por oposição aos demais tipos de migrantes. Todas as “vítimas de deslocamento forçado”, na verdade, são mobilizadas a fim de serem fixadas.

Guerras, violência, perseguições, superpopulação, pobreza, catástrofes, geralmente são consideradas as grandes causas dos deslocamentos e, no entanto, são tão somente “ingredientes básicos” que, combinados, podem deslocar (ou não) grandes massas populacionais. Ante esses deslocamentos, cada vez mais os governos e atores não estatais empenham-se em categorizar os tipos de migrantes. Todavia, como procuramos mostrar, a distinção entre migração laboral, exílio e refúgio é fruto da separação, totalmente abstrata, entre motivos econômicos, políticos e militares.

### **1.6. Metodologia**

Para a efetivação deste trabalho, foi necessário a análise de evidências escritas e orais, que englobam a consulta dos acervos documentais escritos e digitalizados no site de pesquisa do Professor Doutor Collin Darch e nas instituições como: Biblioteca do Centro dos estudos Africanos, Arquivo histórico, Brazão Mazula, Observatório nacional das mulheres. Esta pesquisa bibliográfica, permite dar suporte teórico para a efetivação da análise em estudo. Tratando-se de um estudo de caso, e dada a insuficiência de dados escritos sobre Marracuene, foram feitas entrevistas de carácter semiestruturado, de modo a entrevistar nas comunidades locais, as pessoas comuns.

Para o processo das entrevistas, foi necessário a abordagem metodológica que combina métodos de entrevista com outras técnicas de coleta de dados. Os métodos de entrevista permitem uma

compreensão mais holística e empática das experiências das pessoas afetadas pelo conflito, incluindo, a seleção dos participantes, o desenvolvimento do roteiro a usar na entrevista, e a análise de dados coletados com base na transcrição.

### **1.7.Revisão da Literatura**

O texto de Geffray (1991) centra-se nas razões de guerra civil Moçambicana, fazendo análises peculiares desde o início ao fim da Guerra. Para este autor, quando a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) realizou as suas primeiras operações de guerrilha em território moçambicano em 1977, era apenas um grupo mercenário à disposição da burguesia colonial rodesiana. Dez anos depois, se ainda beneficia de decisivos apoios logísticos e financeiros externos (África do Sul), a sua natureza mudou: a RENAMO tornou-se um corpo social armado profundamente enquistado no tecido social moçambicano nas zonas rurais. Desprovido de um projeto político, este "corpo militar" conseguiu, no entanto, retirar parte das populações rurais do controlo do Estado, para o colocar contra ele, para depois reproduzir e desenvolver-se na situação de guerra assim criada.

Geffray (1991), defende que os apoios internacionais permitiram que a Renamo dispusesse num dado momento dos meios técnicos para fomentar a guerra em todo o país. Dinerman, fez uma análise a obra de Geffray (1991), de modo a entrar em concordância com ele, sobre ao processo de guerra civil em moçambique, quando ela aborda:

Geffray, argumenta que o ímpeto primário que conduziu as comunidades rurais aos braços da Renamo foi um agudo desejo coletivo de salvação cultural de um Estado que se recusou a valorizar, muito menos a reconhecer, a sua existência social. Enquanto houver evidências de transferências estrangeiras contínuas e substanciais apoio à Renamo continua a acumular, o primeiro proposição é simplesmente indefensável. Uma coisa é observar que a Renamo (e a violência, em geral) tem adquirido uma coloração local; outra bem diferente é caracterizá-lo como uma força social independente e Auto reprodutora (Dinerman, 1993).

Para estes autores, a guerra foi um tanto antropológica, pelo que seguiu e aceitou os preceitos da guerra fria, com o apoio incansável do estrangeiro, de modo a basear-se na estratégia de desenvolvimento rural da Frelimo.

Em sua tese de Licenciatura, Shikani, também fala do processo estrangeiro como um aval para o início de guerra, quando ele explica, as correntes que causaram a guerra, como a de desestabilização, que relata sobre dois fatores externos, principalmente do apoio sul africano e a corrente interna como consequência das estratégias de socialização dos campos, isto após as políticas estruturais após a independência deste País (Shikani, 2006: 6-22).

O capítulo de 1980-92, descreve a guerra civil em Moçambique desde o ponto em que a RENAMO começou a receber suprimentos militares sul-africanos, em 1980, e define a RENAMO, como um grupo insurgente que conseguiu montar uma campanha militar bem-sucedida sem tentar obter o apoio ativo da população, contrariando os princípios didáticos da guerra de guerrilha. Isso levou muitos a considerá-lo apenas um grupo terrorista e um fantoche da África do Sul. Embora pratique o terror e tenha sido uma ferramenta da África do Sul, análises recentes mostraram que também tem raízes moçambicanas. O uso de terror exemplar contra civis e alvos civis combinado com métodos para controlar as populações rurais e extrair recursos delas, nomeadamente comida e mão-de-obra, são o centro da estratégia de insurgência da RENAMO (Thomas, 1992).

Quando analisadas as raízes de guerra, por Minter (1998) na sua obra, os contras do Apartheid, ele também debruça exaustivamente, o processo de Apoio sul Africano como um fator de origem dado que queria por sua vez, aumentar os níveis de dependência econômica dentro da região, ele escreve:

Por vezes, a África do Sul organizou ataques abertamente anunciados a Moçambique, matando refugiados sul-africanos e moçambicanos. Ao atacar Moçambique, a África do Sul não queria apenas obrigar o governo da FRELIMO a policiar os refugiados sul-africanos que passavam pelo seu território. Ao culpar Moçambique e seus laços soviéticos pela resistência dentro da África do Sul, eles também desviaram a atenção das raízes internas do conflito sobre o apartheid. A África do Sul também visava dar um exemplo negativo de um estado africano progressista não racial e interromper os planos de independência econômica da Conferência de Coordenação do Desenvolvimento da África Austral (SADCC) composta por nove membros. (Minter, 1998)

Taju (1988) por sua vez, apresenta argumentos de uma formação e capacitação estrangeira dos ex-colonos aliados ao governo sul africano, na tentativa de derrubar o governo da Frelimo e com interesses em relação a Moçambique. Ele explora as dinâmicas de poder durante a guerra civil, destacando a luta entre a RENAMO e o governo da FRELIMO, mostrando como a violência e a guerra foram utilizadas como ferramentas de controle e poder.

Esta obra mostra que a guerra civil teve um impacto devastador nas estruturas sociais e econômicas de Moçambique, e Taju (1988) aborda esses efeitos com sensibilidade. Ele descreve como as comunidades rurais, em particular, foram desmanteladas, e como a guerra exacerbou as desigualdades sociais e a pobreza. A destruição das infraestruturas, a escassez de recursos e a desintegração das redes comunitárias são temas recorrentes na obra.

Vines (1991 e 1996), proporciona uma análise abrangente e detalhada da guerra civil em Moçambique, focando especialmente nas atividades da Resistência Nacional Moçambicana (RENAMO) e seu impacto devastador sobre o país entre 1977 e 1992. Vines contextualiza o surgimento da RENAMO como um movimento anti-Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO), explorando suas estratégias militares e políticas, assim como suas conexões com atores externos durante a Guerra Fria. O autor examina as táticas terroristas e guerrilheiras empregadas pela RENAMO, incluindo ataques contra civis e emboscadas contra forças governamentais, destacando o impacto humanitário profundo do conflito, que resultou em deslocamentos em massa e violações de direitos humanos generalizadas. Além disso, Vines investiga o papel de intervenções externas, como as da África do Sul e dos Estados Unidos, no conflito moçambicano, e analisa as repercussões políticas e sociais duradouras da guerra civil. Ele também discute os esforços de reconciliação nacional e os desafios enfrentados por Moçambique na reconstrução pós-conflito, oferecendo uma visão essencial para entender a história contemporânea da África e os estudos de conflitos no continente.

## **1.8.Fases da Guerra**

### **1ª Fase: 1982-1983**

Baseia-se na mudança de estratégia e a evolução da guerra de acordo com os interesses de Pretória. (Caba, 1972 a)

Estra fase, mostra desde a criação da RENAMO, na Rodésia e o seu ataque nas províncias de Manica, Sofala, Tete e Gaza, começando pelos campos de trânsito localizado na Rodésia, perto da fronteira. (Caba, 1972 b)

### **2ª Fase: 1983-1985.**

A realização do IV Congresso da FRELIMO, que deu sinais de abertura, e a Operação Produção, que foi a causa do descontentamento popular. (Caba, 1972 c)

### **3ª Fase: 1986-1988.**

No final de 1986, a Renamo lançou uma importante campanha, ocupando partes significativas do território da província, ameaçando mesmo a queda da capital provincial, Quelimane. Nesta campanha, parte da população refugiou-se no Malawi, outra nos distritos que ofereciam alguma segurança, e ainda outro permaneceu em áreas sob controle da Renamo. Verificou-se a ocupação da maior parte dos distritos desta província (Caba, 19972d).

Período da década 90: A guerra chega a região que pertence ao grande Maputo, ocupando regiões como Ndlavela, Matola Gare, Michafutene, acentuando os números dos incidentes de mutilações (Thomas, 1992:49).

## **1.9.Historial de Marracuene**

O distrito de Marracuene, foi durante muito tempo conhecido pela sua tradição oral, pelas histórias existentes da antiga guerrilha de Gwaza-Muthine<sup>5</sup>.

Um Século mais tarde, este distrito chamado de Vila Luisa<sup>6</sup> é visto como um território colonial em Moçambique, como um espaço onde a organização humana correspondia a princípios de legalidade, em papéis de subalternidade, orientados pelo progresso trazido pelos colonizadores (Domingos, 2019a).

Um relatório laboral produzido pelo Estado português e um testemunho oral contribuem significativamente para uma narrativa histórica alternativa sobre Marracuene, revelando aspectos da vida e do trabalho. Este, elaborado pela Curadoria dos Negócios Indígenas em 1954, destaca o subdesenvolvimento económico, a penúria e a miséria enfrentadas pelas populações locais. Ele fornece detalhes sobre a exploração sistemática da mão-de-obra africana, a presença de colonos portugueses e agricultores de outras nacionalidades em condições precárias, e as violações das leis do trabalho indígena. (Domingos, 2019b).

---

<sup>5</sup> Combate travado a 2 de fevereiro de 1895 em Marracuene, no âmbito de lutas de resistência Nacional.

<sup>6</sup> Nome da filha do grande Joaquim Machado

## **CAPITULO II: Origens da Guerra civil em Moçambique**

De acordo com Maseko (2019a) Moçambique é um país marcado por um passado trágico, pois os últimos 30 anos, concretamente entre 1964 e 1992, foram caracterizados por conflitos armados. O primeiro destes, envolveu a FRELIMO e o exército colonial português, no período entre 1964 e 1974.

O segundo, a RENAMO e o Governo de Moçambique, entre 1976 e 1992, sendo importante frisar que foi Assim, do momento do golpe de Estado em Portugal à Proclamação da Independência de Moçambique, foram desenvolvidos esforços com o intuito de constituir movimentos de oposição à FRELIMO. Aqueles que mais detestavam a FRELIMO, temendo represálias, fugiram para o estrangeiro, levando consigo uma audácia para a sabotagem do regime (Maseko:2019b).

Para Malyn Newitt (1997), o governo de Ian Smith foi o primeiro a dar algum apoio aos moçambicanos dissidentes. No entender de Newitt, Jorge Jardimme o seu agente Orlando Cristina tinha fugido com alguns processos da Direção Geral de Segurança (DGS) e ajudado os rodesianos a fundar a RENAMO, recrutando elementos de unidades militares e paramilitares negras que haviam combatido nas tropas portuguesas. Todas as evidências indicam que alguns moçambicanos, dissidentes e portugueses, tiveram uma participação na fundação da RENAMO, todavia, esta foi criada pela Rhodesian Central Intelligence Organization, o primeiro nome da organização foi em língua inglesa, a Mozambique National Resistance (MNR).

Para Maseko(2019b), a RENAMO foi criada com duplo objetivo:

- a) O de proporcionar guias e intérpretes para as operações militares rodesianas contra as bases de guerrilheiros nacionalistas zimbabuanos em Moçambique;
- b) O de trabalhar para a desestabilização da FRELIMO. Os seus primeiros recrutas foram antigos membros africanos das forças especiais portuguesas e dissidentes da FRELIMO, que por diversos motivos haviam abandonado o regime.

Cahen, (2019a) segue a mesma abordagem e escreve:

Após a conquista da independência foi criada uma organização militar, a Resistência Nacional de Moçambique (RNM ou Renamo), cujo objectivo era confrontar o novo

governo promovendo sabotagens, atentados e pequenos ataques até que, com o desenrolar da cena política moçambicana, essa organização foi se transformando, ampliando sua dimensão política e passando a, paulatinamente, polarizar e disputar os destinos do país. A Renamo tornou-se um dos protagonistas da luta institucional em Moçambique, e assim segue até os dias atuais.

A Renamo nasceu como uma unidade de mercenários a serviço do regime rodesiano que visava impedir que a experiência de Moçambique, governada pela maioria negra, chegasse ao seu próprio território. Não seria outro o motivo da África do Sul, mais um país com governo racista, ter assumido o lugar de Smith logo após a conquista do poder. A Renamo passou a receber apoio, material e treinamento do regime do Apartheid, ao se transferir para a África do Sul, de onde partia para ataques em Moçambique. (Cahen, 2019b)

### **2.1. Razões econômicas, ligadas a participação de dependência económica estrangeira**

A Renamo foi fundada pela Central Intelligence Organization da Rodésia e transformada sob supervisão directa dos serviços de informações militares da África do Sul, no início da década de oitenta, de pequeno grupo em potente máquina militar tendo sido significativamente influenciada pelas políticas da Guerra Fria (Minter, 1998a).

Este autor (Minter, 1998b) segue afirmando que o decorrer desta guerra, segue iniciando na 1ª fase, incluída entre 1982-1983. Em que, enfrentados problemas de fraca economia pelo domínio socialista, a solução tomada foi a entrada para o sistema das instituições de Bretton Woods em 1984, condicionada por uma liberalização económica essencialmente baseada na orientação da economia para o mercado.

Em simultâneo com a liberalização económica, assistiu-se à liberalização política que se traduziu pela abertura do sistema político em 1990. Esta dupla abertura veio modificar o jogo político e a configuração sociopolítica do país. Ao consagrar o desengajamento do Estado, esta abertura não só suprime o monopólio político da Frelimo como encoraja a liberdade e iniciativa de actores individuais e colectivos. Com ela abrem-se novos espaços de participação e de exercício do poder (Minter, 1998c).

Como foi referido, as concepções liberais sobre o desenvolvimento tenderam a afastar e pretenderam contornar o Estado, procurando promover outro tipo de actores, sob a divisa de cooperação descentralizada citando (Faure 1998; Houtart 1998; Leclerc-Olive 1998; Otayek 2002). Por esta via, a comunidade internacional forneceu parcialmente a Moçambique os recursos (informação, dinheiro e capacidades) necessários para que a sociedade civil pudesse criar organizações e grupos que se supunha poderem responder às necessidades da população (Brito, 2007: 55a).

Nas décadas de 80 e 90, este desafio foi influenciado por uma conjuntura que transportou a economia do país a um declínio progressivo, devido a factores conjunturais negativos de diversa índole: as calamidades naturais (cheias secas), a guerra civil que durou mais de 16 anos, destruindo infra-estruturas sociais e económicas, a ineficiência da economia planificada, factores acelerados ainda com a falta de quadros qualificados e a debilidade das estruturas criadas para a direcção da economia nacional. Como resultado da situação, e dada a necessidade de trazer o fluxo de apoio ao país, o Estado moçambicano aderiu às instituições da Bretton Woods, sob a condição de se chegar a um acordo sobre um programa de reabilitação económica citando (Abrahamsson & Nilsson 1992) por (Brito, 2007: 55b).

As mudanças condicionaram o estabelecimento de uma sociedade mais liberal nas questões económicas e sociais e criaram-se as condições para institucionalização da descentralização e participação dos grupos sociais locais na formulação de políticas públicas. Com ênfase nas questões sobre governação, as mudanças deram uma atenção especial ao reforço da capacidade institucional e à consolidação dos pressupostos da governação democrática efetivados através de mecanismos de planificação, participação, reforço da transparência e descentralização. Esta transição foi feita na base da Constituição de 1990 (Brito, 2007: 55c).

## 2.2. Razões antropológicas e políticas

Geffray (1991), na sua obra, a Causa das Armas: Antropologia de guerra em Moçambique, ainda na sua introdução, descreve os pensamentos dos moçambicanos durante o processo de guerra em Moçambique. Ele escreve:

" Há treze anos que um bando de assassinos sanguinários sem fé nem lei semeia o terror, a destruição e a morte em Moçambique. Está é a imagem que as elites urbanas, os intelectuais nacionais e estrangeiros têm da Guerra e da organização armada que a conduz na capital do país e nas grandes cidades das províncias. " Geffray, (1991: 9).

Centrando-se nas razões de guerra civil Moçambicana, fazendo análises peculiares desde o início ao fim da Guerra.

Para este autor, quando a RENAMO (Resistência Nacional Moçambicana) realizou as suas primeiras operações de guerrilha em território moçambicano em 1977, era apenas um grupo mercenário à disposição da burguesia colonial rodesiana. Dez anos depois, se ainda beneficia de decisivos apoios logísticos e financeiros externos (África do Sul), a sua natureza mudou: a RENAMO tornou-se um corpo social armado profundamente enquistado no tecido social moçambicano nas zonas rurais. Desprovido de um projecto político, este "corpo militar" conseguiu, no entanto, retirar parte das populações rurais do controlo do Estado, para o colocar contra ele, para depois reproduzir e desenvolver-se na situação de guerra assim criada. (Geffray,1991b). O autor apresenta os resultados de uma investigação excepcional realizada em 1988, numa zona de guerra. E aplica os métodos da antropologia social a um objeto das guerras contemporâneas.

Para Geffray (1991c), os apoios internacionais permitiram que a Renamo dispusesse, num dado momento, dos meios técnicos para fomentar a guerra em todo o país, mas são insuficientes para explicar como ela o conseguiu e menos ainda para explicar a sua capacidade e manter indefinidamente o estado de guerra, depois de terem praticamente desaparecido as fontes logísticas estrangeiras. Na realidade, a guerra alimenta-se também das rupturas sociais e políticas internas das sociedades rurais moçambicanas, cuja importância as estratégias terroristas rodesianas não tinham obviamente previsto.

Até 1983, nalguns países do Ocidente vários sectores económicos e políticos projectavam Moçambique como "satélite da União Soviética" para justificarem o apoio a África do Sul no seu projecto de hegemonia regional. Assim, a guerra contra Moçambique era moralizada no quadro da doutrina imperialista de combate à União Soviética na periferia (Taju, 1988:33).

A RENAMO, desde a sua formação na Rodésia, apresenta-se como um instrumento de realização de interesses estrangeiros, ao serviço de Pretória, de desestabilização e inviabilização do projecto da sociedade que o governo da FRELIMO constrói, e sempre também dos interesses recolonizadores dos ex-colonos e seus séquitos. (Taju, 1988b).

Os grandes momentos desta fase foram, internamente, a realização do IV Congresso da Frelimo, que deu sinais de abertura, e a Operação Produção, que foi a causa do descontentamento popular (Caba, 1997c).

## **CAPÍTULO III: O Conflito armado na região sul do país**

### **3.1. Extensão do conflito no corredor sul do país – Maputo**

De acordo com a divisão política de 1960 a 1997, com o alcance da Independência Nacional em 1975 a divisão político-administrativa sofreu muitas alterações. A designação anterior de Concelho ou Circunscrição passou para Distrito, o Distrito para Província. O antigo distrito de Lourenço Marques também se desmembrou e grande parte da sua área passou a constituir a Província de Maputo, com os seguintes distritos: Magude, Manhiça, Matutuíne, (Cidade) Marracuene, Boane, Namaacha, Moamba, Cidade de Maputo Integrando a Cidade da Matola.

Darch (2010) no seu site moçambicano sobre a história de Moçambique, mostra que no corredor sul do País, concretamente em Maputo, os guerrilheiros da RENAMO, entraram concretamente na década 80, escalando o corredor que dá acesso à cidade de Maputo, pela via rodoviária e ferroviária, tendo cortado acessos a energia e rotas de produção alimentícia.

Nessa altura, era evidente que o MNR/Renamo tinha mudado de estratégia e começado a concentrar o seu foco nas províncias do sul produtoras de alimentos, como Gaza, Inhambane e o próprio Maputo, longe da área central da Gorongosa, na província de Manica. Homens foram infiltrados vindos da África do Sul ao longo da longa fronteira terrestre com a província de Gaza. Os Objectivos identificáveis eram cortar as ligações de transporte entre Maputo e o Vale do Limpopo, uma área fértil de produção de arroz, bem como manter a linha ferroviária do Limpopo para o Zimbabwe fechada e não reabilitada<sup>7</sup>.

O jornal “o diabo” (1984) relatou este fator em Abril de 1984, escrevendo:

*Em dezembro do ano Passado, uma centena de combatentes da RNM atravessou o Incomáti e começou a lançar ataques na área do Maputo. No entanto, até agora as forças governamentais não foram capazes de detetar ou de enfrentar esses guerrilheiros.*

*A Linha Férrea Internacional Maputo- África do sul foi sabotada em Fevereiro,*

---

<sup>7</sup> Vide em: [https://www.mozambiquehistory.net/87\\_07.php](https://www.mozambiquehistory.net/87_07.php) consultado em Junho de 2024

*a 22Km de Maputo, entre esta cidade e a Moamba<sup>8</sup>. As ligações para o norte, há muito que estão sob vigilância e controle dos guerrilheiros. As vias do Oeste, a RSA ficaram afetadas . por último, na semana passada, o ataque, maior registrado na zona da Moamba, veio despertar o temor entre os cidadãos na capital, por Maputo, ter ficado às escuras. Uma subestação transformadora de energia tinha sido sabotada e destruída pelos rebeldes<sup>9</sup> perto de Moamba.*

Estes ataques, eram desencadeados em ameaças de uma guerrilha urbana, na capital contra alvos econômicos e políticos. (Jornal o Globo, 1984).

Neste Corredor, as formas de atuação dos soldados da Renamo, era diferente de região para região, ocasionando em consequência o comportamento das vítimas em relação ao refúgio. Em Matutuine por exemplo, os refugiados se escondiam no mato e nas margens do rio Maputo (Culane,2003), enquanto que em Magude, as suas migrações eram trans-fronteiriças para os países vizinhos como África do Sul e Swaziland, (Cumbe, 2023).

Em Manhiça, o distrito próximo de Marracuene, o instituto Alvor servia de esconderijo durante a noite sob a proteção de Milícias da Frelimo, como podemos ver no site da DW em narração:

*Este estabelecimento de ensino<sup>10</sup>, construído na época colonial, dedicava-se a formação de professores africanos. Durante a Guerra civil, foram reportados ataques, e os alunos deslocavam-se a vila de Manhiça.*

Esta migração para o instituto Alvor, é realçado na entrevista com as irmãs Ana e Marieta Maasinga<sup>11</sup>, ambas idosas que se refugiavam no instituto durante a noite como contam:

---

<sup>8</sup> Vide a figura 5 nos anexos

<sup>9</sup> Nome dado aos soldados da Renamo durante o conflito

<sup>10</sup> Vide a figura 6 nos anexos, tirada em: <https://www.dw.com/pt-002/zonas-de-guerra-transformadas-em-locais-de-desenvolvimento/g-50049223>

<sup>11</sup> Entrevistadas, residentes na Manhiça

*A Guerra nos fazia sofrer mana, nós íamos dormir no Alvor. Bastasse entrarem, nós saíamos a correr. Íamos para o mato. Mas Deus nos protegeu. Lembro de um dia ter saído um blindado de Maluana<sup>12</sup> e chegou na nossa zona a disparar, e tivemos de correr todos para a missão Alvor, onde tinham professores a dar aulas. Quando amanhecia, voltávamos para casa, e durante as 17 horas, voltávamos para lá.*

No período da década 90, Thomas (1992:49) afirma que a guerra chega a região que pertence ao grande Maputo, ocupando regiões como Ndlavela, Matola Gare, Michafutene, acentuando os números dos incidentes de mutilações.

Durante a minha entrevista com o Mudlovela<sup>13</sup>, As Milícias da Renamo em Marracuene estavam divididas em várias categorias, pois existiam soldados escalados para cada tarefa, como: busca de mantimentos para as bases, captura de mulheres e crianças, saqueios de lojas, sequestro de curandeiros, entre outros.

---

<sup>12</sup> Zona do distrito da Manhiça

<sup>13</sup> Activista Cultural de Marracuene, entrevistado em Julho de 2024

## **CAPITULO IV: A Guerra cívil e os efeitos em Marracuene**

Este capítulo baseia-se nas evidências orais de pessoas residentes no distrito de Marracuene, principalmente nas zonas da Vila-sede, Bobole e Ricatla, sendo caracterizado por raptos, ataques, agressões físicas e mortes, que puderam desencadear traumas nalgumas vítimas. Os ataques, sabotagens e saqueios eram feitos pelas milícias da Renamo, e pelos homens da comunidade local que se juntavam a estas milícias.

Marracuene, por ser uma área dividida entre rural, urbana e com proximidades a costa marítima, as acções de guerra, diferiam de local para local, afectando a sua mobilidade social, pois em algumas zonas tinham como refúgio a cidade de Maputo, pela proximidade das vias de acesso.

Vines (1991), fala dos ataques contra civis e emboscadas contra forças governamentais destacando o impacto humanitário profundo do conflito, que resultam em deslocações em massa e violações de direitos humanos generalizadas.

### **4.1. Desafios vividos pela comunidade rural de Marracuene**

A região de Bobole no distrito de marracuene, foi uma zona de guerra, em que as atrocidades começavam nesta região e o cenário era de cada um por si e Deus por todos. As colunas militares começavam ou descansavam neste ponto<sup>14</sup>. Um exemplo, está visível com este relato da Idosa Gilda, que vive em Bobole:

*" Fui muito castigada. quando a guerra chegou, eu vivia numa casa perfeita, mas fui levada para o mato. No mato, trabalhávamos com mato. Vivíamos e cozinhávamos no mato. Eles levaram o meu marido e filho, e fizeram-lhes voltar, o marido, menos o filho. Eles iam a Calanga<sup>15</sup> com os Matsangaissa<sup>16</sup>s. Eram levados para roubar. Frelimo prendeu meu filho e trouxeram ele pra casa. Fui levada cinco vezes pelos matsangaissas. Tive sorte porque não me mataram."<sup>17</sup>*

---

<sup>14</sup>Vide Figura 3 dos anexos, tirada em: <https://www.dw.com/pt-002/zonas-de-guerra-transformadas-em-locais-de-desenvolvimento/g-50049223>

<sup>15</sup> Região do distrito da Manhiça

<sup>16</sup> Nome dado aos soldados da Renamo

<sup>17</sup> Entrevista com Gilda Mucavele residente em Bobole (Marracuene, Janeiro de 2024 )

Segundo os entrevistados por mim consultados em Maio de 2024, estas capturas ou raptos eram feitos pelos soldados da Renamo, em saqueio igual de seus bens e refeições, para as suas bases que estavam em locais por eles desconhecidos, tendo afirmado todos que os soldados da Renamo vinham do mato e de forma imprevisível, tendo em unanimidade relatado que: "*saíam de casa as dezasseis ou desassete horas, para se esconder nas palacas ou Xilhali*"<sup>18</sup>

Na Zona do Ricatla, nas regiões da Missão suíça<sup>19</sup> também existiam dois pontos de descanso da população. Quando entrevistada a idosa Lúcia, que vivia arredores de um dos esconderijos próximos a missão de Ricatla, ela conta:

*"Eu tinha 3 filhas e estava a amamentar. Na altura eu vivia em Mateque*<sup>20</sup>*, e montaram uma base da Frelimo perto daqui. Sai de mateque para cá, enquanto alguns saíram para a cidade. Toda vez que anoitecia, íamos nos esconder na posição*<sup>21</sup>*. Dezoito horas, ninguém mais andava. ao lado do hospital levaram meu filho as bases da Renamo, e só voltou três anos depois. Eu desconheço o local em que ele estava, apenas sei que pastoreava o gado. Toda vez que os soldados da Renamo chegassem, ouvíamos pelo som das armas.*

*Não teve mortos aqui na minha casa. Só sofremos muito. E estes soldados eram muito espertos.*

*Aqui tinham suposições perto da missão. Mesmo na missão morreram muitas pessoas porque dormiam em cima dos tanques.*

*Aquela época foi um tempo bem pesado, porque até com cobras dormíamos. Nos dias de chuvas, era um sofrimento, porque ficávamos em pe."*<sup>22</sup>

E quando perguntada sobre a situação geral do distrito, ela afirma:

---

<sup>18</sup> Locais descritos da Língua Rhonga como áreas de construção segura igual as trincheiras para o abrigo durante a noite

<sup>19</sup> Centro de educação da igreja Presbiteriana em Ricatla

<sup>20</sup> Bairro próximo a Ricatla

<sup>21</sup> Nome dado ao local de abrigo e refúgio durante a noite

<sup>22</sup> Entrevista com Lucia residente em Ricatla (Marracuene, Junho de 2024 )

*"Mesmo na vila, tem dias que não havia segurança, porque mesmo no notário de registro de Marracuene, tem vezes que não encontramos nossos documentos, porque houve indícios de invasão durante os tempos."*<sup>23</sup>

Mais adiante, entrevistei a idosa Celeste, que recentemente encontra-se cega, pois acredita que esta deficiência tenha surgido após o sofrimento que teve nas mãos dos soldados da Renamo quando foi quase capturada e ela conta que esta experiencia foi traumática para ela explanando:

*"Foi depois de 1983. Assim que está a me recordar, nem vou conseguir dormir nesta noite. Quando eles chegaram, me levaram com meus dois filhos. Eram meninos. Me pegaram pelas mãos e levaram todas as minhas galinhas, minha roupa, minha comida, tudo que era meu levaram.*

*Saímos pra fora. Eles queriam saber onde ficavam os soldados. Eu refutei, e não quis mostrar. Eles sabiam que aqui tem uma posição, porque aqui já não tinha pessoas.*

*Me levaram e fomos naquela casa, dos Mondlane, que eram meus vizinhos, enquanto me batiam do lado direito e esquerdo. Me batiam nos olhos. Arruinaram tudo nos meus vizinhos, e mataram duas pessoas na minha frente. Eles estavam zangados porque ninguém dormia nas casas.*

*Eles me fizeram carregar um saco de milho, açúcar e amendoim, que levaram na minha casa. Eles só me batiam nos olhos.*

*Quando chegamos na missão, houve um ataque pelos soldados da Frelimo e conseguimos fugir, menos o meu filho. Lhe levaram e ficaram com ele durante três anos.*

*A minha sorte naquele dia, foi porque os soldados da Frelimo conseguiram nos seguir e socorrer. Por isso eu fiquei salva.*

*Lembro que eu ia a missão para me consolar e orar pelo meu filho dentro da igreja."*<sup>24</sup>

---

<sup>23</sup> Entrevista com Lucia residente em Ricatla (Marracuene, Junho de 2024 )

<sup>24</sup> Entrevista com Celeste residente em Ricatla (Marracuene, Junho de 2024 )

Todos entrevistados acima, afirmaram ter sido vítimas dos soldados da Renamo pela escassez financeira de ir à cidade de Maputo para passar lá as noites. Pois era comum que estas migrações ocorressem como mostra o jornal notícias (1990) em uma reportagem:

Bandidos assassinam e raptam populações no dia 17 de novembro de 1990, num ataque perpetuado num bairro da cidade de Maputo. De acordo com a Sra. Lúcia, dona de casa onde se registrou o ataque, o casal tinha regressado na tarde do mesmo dia de Ricatla, próximo de Marracuene.

#### **4.2. Efeitos da mobilidade social em Marracuene**

A guerra é normalmente associada a destruição, mortes e deslocamentos forçados, das pessoas. Entretanto, um olhar sobre as zonas rurais, próximo as periferias de grandes cidades, como o caso deste distrito, mostram que há uma nova categoria de vítimas de guerra, que é o nomadismo. Os Nomades de guerra, organizam as suas vidas em função das dinâmicas do conflito. Nas zonas com o acesso a cidade através da área ferroviária e rodoviária, faziam viagens diárias e as áreas reconcidas e rurais, faziam viagens de deslocamento para as "suposições" da milícia da FRELIMO ao anoitecer, ou para a cidade por tempo indeterminado.

Mudlovela (2024), durante a nossa conversa, destaca nesta fase a importância dos transportadores locais, pois recolhiam a população da vila-sede de Marracuene para a cidade diariamente. E eram carros dos comerciantes locais, a saber: Família Borlotos; Vovó Cotela; Vovó Mandlazi; Nando Verde e Bai Kheru.

Quando os ataques, ocorrem de noite, as pessoas nas zonas reconcidas e rurais abandonam as suas residências para as zonas seguras. Ao amanhecer, regressam as suas residências para o contínuo de suas atividades diárias, como relata a Idosa Gilda, a quando da sua experiência durante este tempo:

*"passamos tanto, saímos para cidade. Só vinham de dia para cultivar. Ninguém estava aqui. Ou dormíamos na mata, ou dormíamos na cidade. Viajamos para Maputo pela segurança.*

*Ninguém nos ajudou naquele tempo, só voltamos para recuperar nossas casas<sup>25</sup> depois da guerra"<sup>26</sup>*

O estudo realizado pelo Conselho Municipal de Maputo (2010) realça que, após a independência, a expansão do crescimento urbano não correspondeu às previsões planificadas devido a guerra e a carência de infraestruturas e recursos.

O êxodo de refugiados de guerra, vindos da área rural, em busca de protecção na cidade, agravado pela incapacidade do Estado de acompanhar a demanda e prover habitação, motivou as ocupações irregulares, prevalecendo o processo de autoconstrução. A tendência foi a densificação de zonas já urbanizadas ou de zonas Peri urbanas carentes de infraestruturas e serviços básico (Mendonça, 2014: 272).

Esta guerra civil de 16 anos obrigou a que muitas famílias procurassem abrigo perto das regiões urbanizadas e próximas das principais vias de acesso. Com o fim da guerra em 1992, parte dessas famílias preferiram continuar a viver no local em que se instalaram, procurando encontrar terras para cultivo nas proximidades do local, o que fez surgir no seio dos camponeses um certo descontentamento, pois estes não estavam interessados em compartilhar com estranhos, nas terras legadas pelos seus antepassados. Este processo de deslocação dos camponeses de uma região para outra fez surgir um outro problema que ocorre principalmente no momento de regresso e reassentamento da população deslocada, o que também provocou a eclosão dos conflitos de terra. Muchaona (S/A: 9)

Foi perceptível, esta mobilização a nível distrital, num dos bairros locais como o de Mali, em que verificou-se a posterior problemas de terra, como Uate, 2017 em sua tese refere que:

---

<sup>25</sup> Casa presente nos anexos

<sup>26</sup> Entrevista com Gilda Mucavele residente em Bobole (Marracuene, Janeiro de 2024 )

A outra causa que é apontada como estando na origem dos conflitos de terra é a guerra civil e os seus efeitos de destruição, que obrigou muitos nativos a abandonarem o bairro e foram se refugiar na cidade, e ficaram por lá por muito tempo, sem se quer visitar as suas terras.

### **4.3. Efeitos Económicos**

A área económica em Marracuene, abrange a agricultura e o comércio local, estas que foram drasticamente afectados durante a guerra.

De acordo com Buck (1998) A agricultura de subsistência estava melhor colocada. A terra não cultivada não era um alvo preferencial de ataques, mas os campos podiam ser queimados e o gado dizimado. As sementes beneficiam do facto de serem armazenáveis, facilmente escondidas e consumidas pelos produtores em caso de necessidade. A agricultura de subsistência era, uma escolha deliberada de sobrevivência para alguns camponeses e um meio de sobrevivência inalcançável para um grande grupo de trabalhadores sem-terra e refugiados.

Mudlovela (2024), conta que a vila-sede de Marracuene, tinha uma agricultura de subsistência, em sistema de regadio, nas margens do rio Inkomati, cercada por barreiras de segurança contra os efeitos das águas salgadas nos locais agrícolas, e havia uma produção elevada de arroz. Ele conta que haviam sabotagens na lavoura, pelas milícias da Renamo e pelas pessoas envolvidas na guerra, reduzindo esta prática que era a base de sustento local das famílias nativas e refugiados de outras regiões, e ele fala:

*"Quando entraram na casa da minha avó, encontraram um quarto cheio de colheita do arroz. Eles levaram o que conseguiram, e o resto queimaram."*<sup>27</sup>

---

<sup>27</sup> Entrevista com Mudlovela Mazuze, activista cultural (Marracuene, Julho de 2024)

E as mesmas sabotagens ocorriam, no comércio local, com a queima de lojas e saqueio de bens no distrito tornando impossível a circulação da moeda, por conta da mobilidade dos residentes. Mudlovela (2024) contou durante a nossa entrevista, que destacavam-se na vila-sede empresas como: Empresa têxtil Riopele que servia de abrigos; Família D`Alpati; Bazar do neném; Fazenda Corto Dias; Os Borlotes e a Ka Tarrane- empresa de processamento do Caju. No entanto, pelas sabotagens, todas pararam o seu comércio e somente algumas voltaram ao ativo anos mais tarde após o tratado de paz.

#### **4.4. Efeitos na costa marítima**

A costa marítima, serviu de abrigo a grande parte da população de Marracuene e não só, no momento do refúgio. Um exemplo da ilha Mbenguelene que não teve muitos efeitos da guerra pela sua localização geográfica. Durante as fugas para os bairros próximos a costa, é verificado por exemplo que o bairro Massinga começou a ficar habitado durante a guerra, por cidadãos fugitivos de outras regiões, que ficavam lá pelo acesso a pesca e agricultura.

Mudlovela quando questionado sobre isto ele narra:

*"Durante os ataques, muitos corriam para as margens do rio Inkomati para fazer a travessia. Naquela altura, era obrigatório saber nadar, porque não sabíamos quando e como os ataques ocorriam."*

Moises<sup>28</sup> outrora entrevistado também relata o mesmo:

*"Aaui fugíamos todos para maçaneta. Vivíamos nas costas do rio Inkomati ou nas zonas da praia."*

Esta situação de isolamento da população costeira, trazia benefícios locais a nível de pesca e produção, tornando maçaneta o centro comercial e de economia local.

---

<sup>28</sup> Entrevistado residente de Habel-jafar, mas com origens em Nditxe

#### 4.5. Efeitos gerais da transitabilidade

Não se tem muita informação sobre os ataques pela via ferroviária concretamente em Marracuene, apenas informações por alto que relatam sabotagens por parte das milícias da Renamo, tendo em vista que a estação de Marracuene foi reinaugurada em 1992, porque não apresentava transitabilidade durante a época da guerra. Isto é perceptível pelo nível de ataques e sabotagens ferroviárias ocorridos dentro do corredor sul, Maputo- Magude, como conta o jornal (S/N, 1985) ao ataque feito na Manhiça :

*Bandidos armados assassinaram 13 pessoas no passado dia 1 do corrente, em consequência de um ataque de comboio 141 de socorro na linha férrea entre Magude e Maputo ao Quilometro 86, na zona da Manhiça segundo o estado maior general das forcas armadas de mocambue (FPLM). (...) As locomotivas e os vagões sofreram danos ligeiros.*

A rodovia, era muitas vezes segura, tanto que permitia a mobilidade diária dos passageiros para a cidade de Maputo e vice-versa, exceptuando nalguns dias de ataque, como mostra o jornal<sup>29</sup> (S/A) de Maio de 1984 sobre um ataque ocorrido na N1 nas proximidades de Ricatla:

*Bandidos armados metralharam, no passado domingo, um autocarro da empresa "oliveiras, Transportes e Turismo, matando dois passageiros e ferindo 10 outros, perto da Localidade de Ricatla. O autocarro, com 85 Passageiros, tinha saído na manhã do mesmo dia de Bungane, na Provincia de Gaza. pouco depois da vila de Marracuene, ao anoitecer, o machimbombo foi metralhado.*

---

<sup>29</sup> Nos anexos, figura 7, retirado de <https://www.mozambique.history.net>

## **CAPITULO V: Considerações finais**

Tal como (Taju, 1988) refere em sua conclusão do artigo Renamo: os factos que conhecemos, sigo citando que a "Guerra vitima tudo e a todos. Mortes, mutilações, destruições, fome, nomadização da população, com todas as suas consequências imediatas e futuras, para com um vizinho já de si economicamente débil."

O estudo sobre a guerra civil em Moçambique, com foco na região sul do país e especificamente no distrito de Marracuene, revela uma narrativa complexa e multifacetada. Ao longo das décadas de conflito, que se estenderam desde a independência em 1975 até a assinatura dos acordos de paz em 1992, Moçambique enfrentou desafios socioeconômicos, políticos e antropológicos profundos.

A origem da guerra civil em Moçambique remonta aos movimentos de oposição à FRELIMO, o governo de independência, com a formação da RENAMO na década de 1970, inicialmente como um grupo mercenário e posteriormente como uma força militar enraizada nas comunidades rurais. Os interesses estrangeiros, especialmente da Rodésia e da África do Sul durante a Guerra Fria, desempenharam um papel significativo na sustentação e no prolongamento do conflito.

O impacto da guerra civil foi devastador para as comunidades locais, especialmente em Marracuene. Além das perdas humanas, houve danos psicológicos profundos, abusos e violações generalizadas, particularmente contra mulheres e crianças. O deslocamento forçado e a vida em constante estado de precariedade se tornaram a realidade para muitos, transformando a paisagem social e econômica da região.

A mobilidade social foi afetada drasticamente, com comunidades se adaptando às dinâmicas do conflito e buscando formas de sobrevivência em meio à violência e à instabilidade. O nomadismo emergiu como uma estratégia de sobrevivência, com as pessoas se deslocando entre áreas seguras e abandonadas, buscando proteção contra os ataques.

No entanto, mesmo diante das adversidades, surgiram resiliência e resistência. As comunidades locais demonstraram uma capacidade notável de se adaptar às condições desafiadoras e de reconstruir suas vidas após o fim da guerra. Através da participação ativa da sociedade civil e da

implementação de políticas de descentralização e governança democrática, Moçambique iniciou um processo de recuperação e reconstrução.

Em suma, o estudo da guerra civil em Moçambique e seu impacto em Marracuene não apenas lança luz sobre um período tumultuado da história do país, mas também destaca a resiliência do povo moçambicano e o potencial de transformação e reconstrução das comunidades afetadas pela violência e pela guerra. Este trabalho contribui para uma compreensão mais ampla das complexidades sociais, políticas e antropológicas envolvidas nos conflitos armados e seus efeitos duradouros nas sociedades locais.

## **Referências Bibliográficas**

### **Revistas**

ADVOGADOS SEM FRONTEIRAS CANADA: *impacto dos conflitos armados na vida das mulheres e Raparigas em Moçambique. Relatório da pesquisa de campo nas províncias de Nampula, Sofala, Zambézia e Gaza.* 2014

ANDRADE, Ximena et all. *Famílias em contexto de Mudanças em Moçambique.* WSLA. Maputo

### **Livros**

GEFFRAY, Christian. 1991. *A causa das armas: Antropologia da Guerra contemporânea em Moçambique.*

LIESEGANGG, Gerald. *A guerra em Banho, Chongoene, Gaza, 1988-1992 e as fugas e regresso nas redes de parentesco e trabalho migratório.* Boletim do arquivo histórico de Moçambique.

MINTER, William. 1988. *Apartheid's Contras: Rural terrorism and Mozambique's struggle for survival.* Washington, WOAEF

MUIANGA, Elisa. 1995. *Mulheres e guerra: Reintegração social das mulheres regressados das zonas da RENAMO: Mandlakazi.* Boletim do Arquivo histórico de Moçambique.

VINES, A. (1991). *“Renamo: from terrorism to democracy in Mozambique?”* Oxford, Oxford University Press.

### **Teses e dissertações**

CUMBA, Eugenio Pedro. *A evolução da relação entre a autoridade tradicional, comunidade local e poder político central no distrito de Marracuene, 1975 a 2004.* UEM. 2006

CUMBE, Shelcia Marta Francisco. *Impacto das migrações forçadas na estabilidade sócio-económica: Caso de estudo distrito de Magude (1984-1992).* UEM. 2023

CULUANE, Flavia dos Anjos. *A educação escolar durante a guerra civil em Catuane- Matutuine (1984-1992)*. UEM. 2003

LANGA, José Gabriel. 1995. *O impacto da guerra cível em Chizavanani: as cicatrizes da guerra: as mulheres, crianças e idosos*. Departamento de História. UEM. 2002

SHIKANI, Rafael. 2006. *Partido, Poder, Estado, uma interpretação das origens da Guerra Civil*. UEM. Maputo

UATE, Arlindo João. *Mecanismos e Papel das Autoridades Comunitárias na Resolução de Conflitos de Terra: Uma análise a partir do Bairro Mali, distrito de Marracuene*. UEM. 2012

### **Artigos**

BRITO, Luís de, *Cidadania e Governação em Moçambique. Comunicações apresentadas na Conferência Inaugural do Instituto de Estudos Sociais e Económicos*. IESE. Conteúdos e Publicações, Lda. 2007, Maputo

BRUCK, Tilman. *Guerra e Desenvolvimento em Moçambique*. Universidade de Oxford

CABA, Sergio Nathu, *A guerra na provincia de Zambezia e o papel de Malawi, 1975-1988*. 1997.

CAHEN, Michel. *Renamo: de agente do apartheid a organização política moçambicana “Não somos bandidos”*: a vida diária de uma guerrilha de direita: a Renamo na época do Acordo de Nkomati (1983-1985). Lisboa: ICS. Imprensa de Ciências Sociais, 2019. 398p.

COELHO, João Paulo Borges. *A ‘Literatura Quantitativa’ e a Interpretação do Conflito Armado em Moçambique (1976-1992)*. Universidade Eduardo Mondlane. S/A

DARCH, Colin. *Uma História de Sucesso que Correu Mal? O Conflito Moçambicano e o Processo de Paz numa Perspectiva Histórica*. Publicado por Friedrich-Ebert-Stiftung Moçambique.

DOMINGOS, Nuno, *Visoes de Marracuene. Propaganda Cultura, popular, turismo, e o terreno colonial em mocambique.*2019

DINERMAN, Alice. 1993. *In search of Mozambique: the imaginims of Christian Geffray in La Cause Des Armes au Mozambique.* CEA-UEM. Maputo

OHISON, Thomas. 1991. *Some Notes on the procspets for peace and security in Mozambique.* Department for peace and security in Southern Africa

MUCHACONA, Jorge João. *Relações Sociopolitias e conflitos de terra: encruzilhada entre a tradição e a modernidade no contexto Moçambicano.* Universidade Rovuma

OLIVEIRA, D.A. *Mobilidade social.* Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

SOUZA, Beatriz de Barros. FREITAS, Francisco. *Nomadismo, migração, refúgio: itinerário em três movimentos.* S/A

TAJU, Gulamo: *Renamo, os factos que conhecemos.* 1988

THOMAS, Deborah. 1992. *Conspicuous destruction, War, famine and the reform in Mozambique.* New York. Human Rights Watch

### **Revista científica**

CUNHA, Teresa, «As memórias das guerras e as guerras de memórias. Mulheres, Moçambique e Timor Leste», *Revista Crítica de Ciências Sociais* [Online], 96 | 2012, publicado a 15 fevereiro 2013, consultado a 31 agosto 2023. URL: <http://journals.openedition.org/rccs/4825> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/rccs.4825>

## **Jornais**

Mendonça, I. N. (2014) *Mobilidade urbana na área metropolitana de Maputo: análise dos órgãos de gestão do planeamento e mobilidade urbana, arranjos institucionais e insumos para a sua efectiva articulação*. Journal of Transport Literature, vol. 8, n. 2, pp. 244-270.

S/N. (1984, Abril 25). *Em Moçambique: Resistencia ataca acessos a Maputo*. Jornal o Globo

Darch, Colin e Agnes. *Guerra civil em Moçambique, Maputo cada vez mais ameaçada pelos guerrilheiros da Renamo*. (1984, Abril 17). Jornal o diabo.

S/N. *Bandidos assassinam e raptam populações: ataque foi perpetrado contra o bairro Mbiyanguana em Maputo*. (1990, Novembro 27).

S/N. *Ataque a comboio: BA`S assassinam 13 pessoas na Manhiça*. (1985, Outubro 4)

## **Decretos**

Divisão politica de 1960 a 1997

## **Fontes orais**

Gilda Mucavele, 65 anos, residente de Bobole: Vítima do conflito Armado, entrevistada em Janeiro de 2024

Marieta Massinga, 90 anos, residente de Manhiça: Vítima do conflito Armado, entrevistada em Junho de 2024

Ana Massinga, 87 anos, residente de Manhiça: Vítima do conflito Armado, entrevistada em Junho de 2024

Anastácia, 92 anos, residente em Ricatla: Vítima do conflito Armado, entrevistada em Junho de 2024

Lucia, 65 anos, residente em Ricatla: Vítima do conflito Armado, entrevistada em Junho de 2024

Celeste, residente em Ricatla: Vítima do conflito Armado, entrevistada em Junho de 2024

Mudlovela Mazuze, Activista Cultural, entrevistado em Julho de 2024

Moises (Nome fictício), residente de Habel-jafar, nativo de Nditxe, entrevistado em Julho de 2024

## **Sites consultados**

<https://www.dw.com/pt-002/zonas-de-guerra-transformadas-em-locais-de-desenvolvimento/g-50049223> consultado em 2023

[https://www.mozambiquehistory.net/87\\_07.php](https://www.mozambiquehistory.net/87_07.php) consultado em Junho de 2024

<https://pt.quotes.pics/autor/maya-angelou/frases> Consultado em Julho de 2024

## **Anexos**

### **Guião de entrevistas**

#### **Questões para a comunidade local**

1. Nome, idade, bairro: onde vivia?
2. Situação laboral (em que trabalha) o que fazia, antes, durante e depois da guerra?
3. Sida pessoal e familiar antes, durante e depois de guerra?
4. Ambiente económico antes, durante e depois de guerra?
5. Quando você soube que a guerra começou?
6. O que fez quando a guerra começou?
7. Perdeu algum familiar?
8. Foi vítima de algum militar durante a guerra? Como foi o processo de volta a sociedade?
9. Qual foi a coisa mais difícil que enfrentou durante a guerra?

#### **Questões para o activista cultural de Marracuene**

10. De onde surgiu o termo Marracuene?
11. Como era a agricultura local durante os tempos de guerra?
12. Como era a economia durante os tempos de guerra?
13. Sabe algo sobre a intransitabilidade nas áreas ferroviárias e rodoviárias?
14. Qual foi o papel da costa marítima durante a guerra?
15. Qual foi o processo mais difícil para a retoma das atividades em Marracuene?

## Figuras



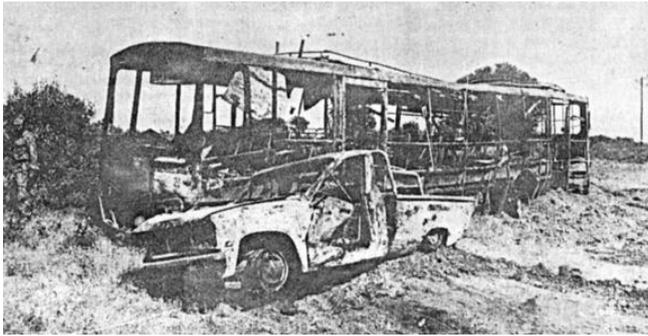
**Figura1: Casa abandonada em Bobole**



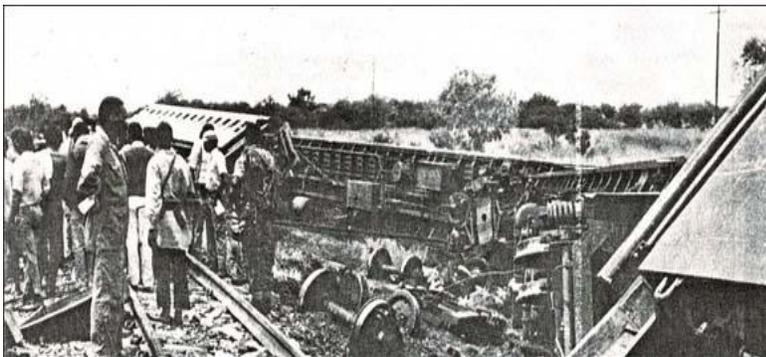
**Figura2: Casa abandonada em Bobole**



**Figura3 :Local da antiga Base da Frelimo**



**Figura4: Transportes sabotados no corredor sul do País**



**Figura 5: Sabotagem dos caminhos de ferro no corredor sul**



*Figura6 : Instituto alvor na Manhica*



*Figura7: Jornal sobre a Notícia do ataque de Ricatla*